



Universidades Lusíada

Rosinhas, Ana Catarina de Sousa

Qualidade de vida e o envolvimento com o desenvolvimento sustentável em adultos

<http://hdl.handle.net/11067/6062>

Metadados

Data de Publicação

2021

Resumo

Apesar do desenvolvimento sustentável ser um assunto cada vez mais explorado existe, ainda, a necessidade de compreender de forma mais aprofundada as relações entre a humanidade e o meio ambiente considerando as componentes psicológicas, o que pode trazer relevantes contribuições para a investigação científica e a atuação eficaz nesta matéria. Por conseguinte, a presente investigação tem como objetivo principal aferir se existe relação entre a qualidade de vida e o envolvimento com o desenvolvim...

Abstract: Despite sustainable development being an increasingly explored and investigated subject, there is still a need to understand more deeply the relationships between humanity and the environment, correlating psychological components that can bring relevant contributions to scientific research. Therefore, the main objective of this investigation is to assess if there is a relationship between quality of life and engagement with sustainable development. A total of 336 individuals participa...

Palavras Chave

Psicologia clínica, Qualidade de vida, Desenvolvimento sustentável

Tipo

masterThesis

Revisão de Pares

Não

Coleções

[ULP-IPCE] Dissertações

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-04-19T19:25:02Z com informação proveniente do Repositório



Universidade Lusíada - Norte
Porto

Dissertação de Mestrado em **Psicologia Clínica**

Instituto de Psicologia e Ciências da Educação
Universidade Lusíada - Norte (Porto)

PORTO,



**instituto de psicologia
e Ciências da Educação**
Universidade Lusíada - Norte (Porto)



Universidade Lusíada - Norte
Porto

Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica
Instituto de Psicologia e Ciências da Educação
Universidade Lusíada - Norte (Porto)

PORTO,

Trabalho efectuado sob a orientação do/a



**instituto de psicologia
e Ciências da Educação**
Universidade Lusíada - Norte (Porto)



**instituto de psicologia
e Ciências da Educação**
Universidade Lusíada - Norte (Porto)



Dissertação de Mestrado
Psicologia Clínica

Porto

Agradecimentos

Em primeiro lugar gostaria de agradecer à minha orientadora, Prof. Doutora Ana Meireles pela disponibilidade, compreensão, orientação e aconselhamento durante este percurso.

Em especial, um obrigada aos meus pais. Obrigada por me deixarem seguir o meu sonho, transmitindo-me sempre força e orgulho. Obrigada por me fazerem acreditar que este sonho valeu a pena, sem nunca duvidarem do meu esforço para o alcançar. Obrigada por estarem sempre presentes.

Ao meu irmão Hugo, obrigada por seres o meu “ombro-amigo” e por me ensinares todos os dias a ver a vida com mais amor e pureza.

Ao meu namorado, Mário Gomes, por ter sido um pilar fundamental ao longo destes cinco anos. Obrigada por nunca me deixares baixar os braços, por acreditares sempre em mim e me motivares sempre nos melhores e piores momentos deste percurso.

À minha colega de curso e amiga Catarina Pereira pela amizade, bondade e pela coragem que sempre deu para enfrentarmos as adversidades. Obrigada por tornares esta caminhada mais bela e por teres estado sempre ao meu lado nesta etapa das nossas vidas. Obrigada, madrinha do meu coração.

Um especial agradecimento à Diana e Juliana por terem também sido um apoio fundamental nesta etapa da minha vida. Um obrigada ainda a tantas outras pessoas, família, amigos, docentes, colegas e conhecidos que de forma direta ou mesmo indireta colaboraram para que eu chegasse até aqui.

A todos,

O meu Eterno e Profundo agradecimento.

Resumo

Apesar do desenvolvimento sustentável ser um assunto cada vez mais explorado existe, ainda, a necessidade de compreender de forma mais aprofundada as relações entre a humanidade e o meio ambiente considerando as componentes psicológicas, o que pode trazer relevantes contribuições para a investigação científica e a atuação eficaz nesta matéria. Por conseguinte, a presente investigação tem como objetivo principal aferir se existe relação entre a qualidade de vida e o envolvimento com o desenvolvimento sustentável. Participaram neste estudo 336 indivíduos (236 do sexo feminino e 100 do sexo masculino), com idades compreendidas entre os 18 e os 88 anos de idade. A maioria dos participantes concluíram o ensino secundário, encontram-se a estudar e são solteiros. Foi implementado o Questionário Sociodemográfico, o Inventário de Envolvimento/Não Envolvimento no Desenvolvimento Sustentável (EDiSDI) e o Instrumento de Avaliação da Qualidade de Vida da Organização Mundial de Saúde (WHOQOL-Bref). Os resultados sugeriram diferenças estatisticamente significativas quanto ao género e à idade na qualidade de vida e no envolvimento com o desenvolvimento sustentável. Verificou-se ainda a existência de correlações entre qualidade de vida e envolvimento com o desenvolvimento sustentável.

Palavras-chave: desenvolvimento sustentável, envolvimento, qualidade de vida

Abstract

Despite sustainable development being an increasingly explored and investigated subject, there is still a need to understand more deeply the relationships between humanity and the environment, correlating psychological components that can bring relevant contributions to scientific research. Therefore, the main objective of this investigation is to assess if there is a relationship between quality of life and engagement with sustainable development. A total of 336 individuals participated in this study (236 females and 100 males), aged between 18 and 88 years old. Most participants have completed secondary education, are currently studying and are single. In this research were implemented the Sociodemographic Questionnaire, The Engagement/Disengagement in Sustainable Development Inventory (EDiSDI) and The World Health Organization Quality of Life – Brief (WHOQOL-Brief). The results suggested statistically significant differences between gender and age in quality of life and engagement in sustainable development. It was also verified the existence of correlations between quality of life and engagement with sustainable development.

Keywords: engagement, sustainable development, quality of life

Índice

Introdução.....	1
Qualidade de Vida	3
Diferenças de Género e Idade	6
Envolvimento com o Desenvolvimento Sustentável	8
Diferenças de Género e Idade	12
Questões de Investigação e Hipóteses	14
Metodologia	16
Tipo de Estudo.....	16
Participantes.....	16
Instrumentos	18
Procedimentos	21
Recolha de Dados	21
Análise de Dados	22
Resultados	24
Discussão dos Resultados.....	30
Conclusão.....	34
Referências Bibliográficas	36

Índice de Tabelas

Tabela 1. Caracterização da amostra em função das variáveis sociodemográficas	17
Tabela 2. Descrição do instrumento EDiSDI	20
Tabela 3. Descrição do instrumento WHOQOL-Bref.....	21
Tabela 4. Diferenças de médias no género nas dimensões da QdV e EDS.....	25
Tabela 5. Diferenças de médias entre os grupos etários nas dimensões da QdV e EDS	26
Tabela 6. Correlação entre as dimensões da QdV e EDS	28

Introdução

O ser humano continua a depender de todos os recursos naturais para a sua sobrevivência e mesmo com essa compreensão continua a não evidenciar um envolvimento sustentável com o ambiente (Morgado et al., 2014). Os comportamentos sustentáveis são algo mais do que ações voltadas para a conservação do meio ambiente (Keiner, 2005). De acordo com Tapia-Fonllem et al. (2017), o conceito de desenvolvimento sustentável (DS) estende-se às relações culturais e sociais envolvidas nos processos de desenvolvimento sustentável, incluindo aquelas que afetam o bem-estar e a qualidade de vida (QdV).

O conceito de sustentabilidade enfatiza a ideia de que os comportamentos humanos permitem aos indivíduos no presente e no futuro satisfazer as suas necessidades sem exceder a capacidade da natureza recuperar os recursos extraídos dela (Fergus & Rowney, 2005). Os efeitos destes comportamentos não devem ser avaliados apenas em termos da dimensão biofísica do meio ambiente, mas também considerando os benefícios económicos, sociais e políticos de um comportamento sustentável (Schmuck & Schultz, 2002). Isto é, para os autores o comportamento sustentável deve ser avaliado tendo também em consideração o seu impacto no bem-estar humano e na qualidade de vida.

A qualidade de vida cobre uma série de indicadores que retratam vários fatores ambientais, sociais, económicos e subjetivos (Diener & Suh, 1997). Segundo os autores, as emoções em relação ao meio ambiente, a afinidade com a diversidade, as forças e virtudes de carácter, a competência e as habilidades pró-ambientais, o conhecimento ambiental, etc., são indicadores de qualidade de vida. Portanto, uma melhor QdV pode ser alcançada em sociedades que desfrutem de um ambiente natural bem preservado e construído, bem como uma boa governação e bons níveis de saúde física, economia e bem-estar subjetivo (Tapia-Fonllem et al., 2017).

A interação do ser humano com o seu meio físico e social deverá proporcionar a satisfação das suas necessidades, bem como bem-estar e felicidade, se tal interação for pró-sustentável (Moser, 2009). De acordo com o autor, uma relação pró-sustentável com o meio ambiente socio-físico resulta na satisfação das necessidades humanas e na conservação desse meio ambiente.

Por sua vez, Leff (1999) acredita que a qualidade de vida e o comportamento sustentável são simultaneamente possíveis porque não houve apenas um desenvolvimento conceptual, mas também atitudinal, levando a um mundo sustentável.

Até recentemente, os comportamentos sustentáveis envolviam aspetos do ambiente físico, a noção de sustentabilidade modificou esta abordagem conceptual, que hoje envolve os aspetos sociais como efeitos do comportamento sustentável e não apenas como determinantes desse comportamento (Schmuck & Schultz 2002; Corral-Verdugo & Pinheiro, 2004).

Corral-Verdugo et al. (2012) defendem que os comportamentos sustentáveis contribuem para a qualidade de vida mais do que o esperado. Segundo os autores, o pensamento lógico é que esses comportamentos levam ao bem-estar humano, protegendo os recursos naturais que são necessários para atender às necessidades das pessoas. Assim, os comportamentos sustentáveis são algo mais do que ações voltadas para a conservação do meio ambiente (Webb & Sheeran, 2006).

Qualidade de Vida

A qualidade de vida é um conceito que tem inspirado muita investigação nas últimas décadas e teve uma forte influência nas tendências sociais e políticas aplicadas a várias áreas, como o planeamento urbano e regional, a promoção da saúde e também na investigação social e económica (Turkoglu, 2015). As definições de qualidade de vida são diversas, com uma variabilidade potenciada não só pela utilização de perspetivas sociais ou individualistas, mas também pela multiplicidade de modelos teóricos e orientações académicas (Felce & Perry, 1995).

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), a qualidade de vida é definida como a perceção que o indivíduo tem acerca da sua posição na vida, no contexto cultural e do sistema de valores em que vive, e em relação aos seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações (The WHOQOL Group, 1998). Segundo o Grupo WHOQOL (1998), a qualidade de vida refere-se a uma avaliação subjetiva que está integrada num contexto cultural, social e ambiental.

Shookner (1997), na sua perspetiva define o conceito qualidade de vida como o resultado do papel das interconexões de situações socioculturais, económicas, de saúde e ambientais que influenciam o homem e o processo de mudança na sociedade.

Por outras palavras, Lawton (1991), considera qualidade de vida como um resultado da combinação de vários aspetos objetivos e subjetivos. Este conceito é avaliado tendo por base as perceções pessoais, bem como critérios sociais e económicos (Lawton, 1991).

Em linha com a definição anterior, Flanagan (1978) também se focou nos indicadores objetivos e subjetivos de medição da qualidade de vida. Segundo o autor, os indicadores objetivos incluem rendimentos, estado civil e outros elementos, enquanto os indicadores

subjetivos incluem felicidade, satisfação da vida, contentamento, prazer e outros elementos que formam o conceito de qualidade de vida.

De acordo com Siqueira e Padovam (2008), na abordagem objetiva de qualidade de vida, entende-se que saúde, ambiente físico, recursos, habitação e outros indicadores observáveis e quantificáveis contemplam o espectro da qualidade de vida que uma pessoa detém. Por outro lado, a perspectiva subjetiva de qualidade de vida, incluindo-se nela a satisfação com a vida, é defendida como uma possibilidade de ter em conta avaliações individuais e diferenças culturais na percepção do padrão de vida.

Noll (2004) definiu qualidade de vida não só como um estado, mas como um processo que inclui a relação entre dois elementos subjetivos (o papel ativo da experiência pessoal e a capacidade dos indivíduos como um elemento constitutivo da qualidade de vida) e um conjunto de circunstâncias objetivas. Ainda, Bowling (2005) refere que a qualidade de vida foi definida em termos macro (sociais, objetivos) e micro (individuais, subjetivos). A primeira inclui rendimentos, emprego, habitação, educação, outras circunstâncias de vida e ambiente. O segundo inclui percepções da qualidade de vida global, das experiências e valores individuais.

De acordo com Villas-Boas et al. (2019), geralmente é aceite que a qualidade de vida envolve muito mais do que satisfazer as necessidades básicas de sobrevivência e inclui uma ampla gama de aspetos biopsicossociais (tanto objetivos como subjetivos).

Por sua vez, Stanley (1973) teve em consideração a noção de qualidade de vida como a expressão de bem-estar de uma pessoa, isto é, segundo o autor, qualidade de vida é a percepção de um indivíduo sobre o seu bem-estar que resulta de uma combinação de vários atributos quantitativos e qualitativos.

Berlim e Fleck (2003) evidenciaram que não existe um significado exclusivo da palavra "qualidade de vida", no entanto, têm uma noção muito ampla que inclui diferentes dimensões como o funcionamento físico, psicológico e social, bem como uma compreensão do estado de saúde, desconforto, contentamento e autossatisfação em relação à condição de vida.

A qualidade de vida tem sido estudada empiricamente como bem-estar, satisfação de vida e felicidade (Simões et al., 2000). Segundo os autores, estes são construtos complexos, distintos, mas interrelacionados. Navarro (2017), refere também que a qualidade de vida é um conceito que se relaciona com o bem-estar subjetivo e a satisfação com a vida.

De acordo com Matos Pedro (2018), como indicador de bem-estar, a qualidade de vida é também um fator de extrema importância. Em linha com este pensamento, Siqueira e Padovam (2008) referem que uma das abordagens de definição e avaliação da qualidade de vida é o bem-estar subjetivo. Este construto diz respeito a como e porque as pessoas experienciam as suas vidas positivamente e, é também considerado a avaliação subjetiva da qualidade de vida.

O significado do conceito de qualidade de vida é indiscutivelmente dependente de quem utiliza o termo, da sua compreensão e da sua posição social e política (Edlund & Tancredi, 1985).

Neste sentido, embora a qualidade de vida seja influenciada por múltiplas dimensões, desde as físicas às socioculturais, psicológicas e ambientais, devido ao seu carácter multidimensional e complexo, não é possível atingir uma definição unanime (Seidl & Zannon, 2004). Por outras palavras, a qualidade de vida trata-se de um construto alargado e multidimensional, influenciado de forma complexa pela saúde física dos indivíduos, o estado psicológico, as relações sociais, o nível de independência, as relações sociais, as crenças

personais e as suas relações com características salientes do ambiente (The WHOQOL Group, 1995).

Diferenças de Género e Idade

A qualidade de vida é uma variável composta que é afetada por outras variáveis (Baby et al., 2015). Muitos estudos têm sido realizados para avaliar as associações entre fatores sociodemográficos (sexo, idade, estado civil, educação e rendimento) e qualidade de vida em adultos (Gobbens & Remmen, 2019).

Relativamente ao género, evidências existem que a perceção de qualidade de vida em indivíduos do género feminino é maior do que nos indivíduos do género masculino (Kaplan et al., 1991). Segundo os autores, as mulheres têm uma visão sobre a vida melhor do que os homens e vivem mais, todavia podem não necessariamente viver melhor.

De acordo com o estudo realizado por Baby et al. (2015), os dados revelaram que as mulheres pontuaram mais alto no WHOQOL-Bref apenas no domínio físico do que os seus homólogos, não tendo havido diferenças significativas no domínio psicológico, relações sociais, ambiente e qualidade de vida geral. Estes resultados poderão corroborar que o género não tem impacto significativo na qualidade de vida (Baby et al., 2015).

Também Mercier et al. (1998) não encontraram diferença óbvias entre homens e mulheres no que diz respeito à qualidade de vida. No entanto, embora as relações entre o género dos participantes e a qualidade de vida não fossem estatisticamente significativas, os resultados demonstraram que as mulheres tendiam a relatar eventos (tanto agradáveis quanto desagradáveis) e expressar mais preocupações, desejo de mudança e planos para os próximos dois anos.

Sob outra perspetiva, Simões et al. (2000) referem que, no que diz respeito ao género, a maioria dos estudos que compararam homens e mulheres em termos de bem-estar subjetivo

não encontrou diferenças significativas. Igualmente, Dasgupta e Majumdar (2000) não encontraram qualquer diferença estatisticamente significativa entre o género. Os autores referem que tal facto, indica que a diferença de género não tem um papel significativo na cristalização da magnitude e da direção da qualidade de vida percecionada pelos indivíduos.

Por sua vez, no estudo desenvolvido por Gobbens e Remmen (2019), os resultados demonstraram que ser mulher e ser mais velha foram negativamente associados a dois e quatro domínios de qualidade de vida, respetivamente.

No que concerne à idade, de acordo com a literatura envelhecer é percecionado como um fator que diminui a qualidade de vida (Netuveli et al., 2005).

Não obstante, na sua investigação Netuveli et al. (2005) verificaram pequenas diferenças relativamente à idade dos participantes, nomeadamente evidenciaram que a qualidade de vida pode aumentar durante a velhice. De acordo com os autores, fatores como a má situação financeira percecionada, depressão, limitações funcionais e limitações nas atividades quotidianas podem afetar negativamente a qualidade de vida, enquanto residir num ambiente apreciado, ter relacionamentos de confiança com filhos, família e amigos pode melhorar a qualidade de vida.

Em linha com este pensamento, no estudo realizado por Samak (2017), os resultados revelam que os idosos têm níveis de satisfação mais elevados do que os mais jovens em certas dimensões da vida. Segundo o autor, estes resultados podem indicar que a perceção da qualidade de vida é muitas vezes baseada em necessidades, isto é, quanto menos necessidades são percecionadas, mais feliz uma pessoa pode ser. Esta assunção poderá ser corroborada por Coleman (2000). Segundo este, apesar do envelhecimento colocar limitações na satisfação de necessidades, a literatura enfatiza a capacidade de os idosos resistirem relativamente bem às ameaças e perdas provocadas pelo envelhecimento (Coleman, 2000).

Sob outra perspetiva, Villas-Boas et al. (2019) verificaram que no seu estudo na população portuguesa, a idade está negativamente associada à qualidade de vida o que, segundo os autores, significa que à medida que as pessoas envelhecem a sua perceção de qualidade de vida torna-se mais negativa.

Em contrapartida, no estudo desenvolvido por Dasgupta e Majumdar (2000), foi constatado que as pessoas jovens e as faixas etárias mais velhas foram consideradas mais satisfeitas com a vida, enquanto os indivíduos pertencentes à categoria de meia-idade manifestaram relativamente menos satisfação. De acordo com os autores, tal facto poderá estar associado que, chegando à meia-idade, os indivíduos provavelmente experienciam todo o tipo de stress e tensões na vida.

Envolvimento com o Desenvolvimento Sustentável

Os conceitos de sustentabilidade e de desenvolvimento sustentável passaram a ser usados nas últimas décadas para designar um processo que envolve a preocupação com a preservação do meio ambiente e dos recursos naturais, mantendo-se as condições necessárias para a vida saudável do homem (Haydu & Camargo, 2013).

O conceito de desenvolvimento sustentável popularizado pelo relatório da Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (WCED), reuniu preocupações com a equidade, o progresso económico e, a conservação e melhoria ambiental (Adams, 2009). A WCED definiu o desenvolvimento sustentável como o desenvolvimento que satisfaz as necessidades do presente sem comprometer a capacidade das gerações futuras de satisfazerem as suas próprias necessidades (Brundtland Report, 1987).

Em 2015, as Nações Unidas propuseram 17 objetivos de desenvolvimento sustentável, estes objetivos sublinham a importância de aumentar as oportunidades de progresso e

promover o desenvolvimento de indivíduos, famílias e comunidades para garantir o desenvolvimento sustentável e o crescimento global (Di Fabio, 2017).

De acordo com Morgado et al. (2014) os argumentos técnicos e científicos que suportam o desenvolvimento sustentável situam-se no nível da compreensão lógica e objetiva de que a convivência do ser humano com o ambiente pode vir a ser sustentável, tendo em vista a sobrevivência da própria espécie humana. Assim, implementar comportamentos sustentáveis pode contribuir para a qualidade de vida, na medida em que esses comportamentos conduzem ao bem-estar humano, protegendo os recursos naturais necessários para satisfazer as necessidades das pessoas (Tapia-Fonllem et al., 2017).

Psicologicamente, a sustentabilidade é vista não só em termos de ambiente ecológico e social, mas também em termos de promoção do bem-estar de todas as pessoas e de melhorar a qualidade de vida de cada ser humano (Di Fabio, 2017). Deste modo, o indicador qualidade de vida está amplamente ligado ao conceito de desenvolvimento sustentável e é uma parte importante dele (Lofti et al., 2011).

As questões ambientais são uma preocupação crescente no século XXI, uma vez que estão intimamente associadas à qualidade de vida, tal como avaliadas em várias perspetivas, incluindo o bem-estar ambiental, social, económico e subjetivo (Assembleia Geral das Nações Unidas, 2012). De acordo com Gazzola e Querci (2017), o desenvolvimento sustentável significa incentivar o crescimento económico, protegendo ao mesmo tempo o ambiente e melhorar a nossa qualidade de vida, tudo sem afetar a capacidade de as gerações futuras fazerem o mesmo (Gazzola & Querci, 2017).

Portanto, a investigação sobre o envolvimento com o desenvolvimento sustentável (EDS) tem o potencial de fornecer uma compreensão vital de como as diferenças individuais e

os fatores contextuais interagem para moldar comportamentos pró-ambientais (Moreira et al., 2020).

Segundo Lorenzoni et al. (2007), o envolvimento é entendido como uma integração de aspetos cognitivos, emocionais e comportamentais. Isto é, para os autores é necessário haver preocupação, motivação e capacitação de tomada de decisão para que, efetivamente seja possível haver envolvimento concreto. De acordo com Kaplan et al. (1991), as necessidades psicológicas das pessoas dependem tanto do ambiente em que vivem como dos comportamentos em que se envolvem para que as suas necessidades sejam satisfeitas. Assim, o envolvimento do ser humano com o ambiente deve revestir-se de ações que tenham em conta o futuro do planeta Terra, das espécies que o povoam e da sua evolução (Morgado et al., 2014).

Venhoeven et al. (2013) afirmam que o envolvimento com o desenvolvimento sustentável implica desafios semelhantes aos que têm sido amplamente estudados na literatura sobre o comportamento pró-ambiental. Este tipo de comportamento procura minimizar o impacto negativo das ações no mundo (Kollmuss & Agyeman, 2002) e, pode ser definido como um comportamento que é levado a cabo com a intenção de mudar beneficemente o ambiente (Stern, 2000).

De acordo com Lorenzoni e colaboradores (2007), o grau de envolvimento dos indivíduos está relacionado com as suas crenças pessoais, conhecimentos, valores, experiências, contexto demográfico e estilos de vida e, conseqüentemente, estes aspetos podem levar a diferentes perceções sobre os comportamentos sustentáveis e barreiras ao envolvimento. Estas mesmas barreiras percecionadas funcionam como limitadores dos aspetos cognitivos, comportamentais e emocionais do envolvimento (Lorenzoni et al., 2007).

Boardman e Darby (2000), concluíram que, por exemplo fornecer feedback imediato sobre o uso de energia, através de contadores de energia domésticos, pode efetivamente reduzir o consumo das pessoas. A este respeito, a comunicação pode ser eficaz no estímulo emocional e comportamental, bem como em aspetos cognitivos do envolvimento (Boarman & Darby, 2000).

Tapia-Fonllem et al. (2017), referem que os comportamentos sustentáveis podem contribuir para a qualidade de vida, na medida em que esses comportamentos conduzem ao bem-estar humano, protegendo os recursos naturais necessários para satisfazer as necessidades das pessoas.

Hartig et al. (2001) relatam que uma das motivações para a população se envolver em comportamentos pró-ambientais é conservar o ambiente de forma a apreciá-lo e obter experiências benéficas, estando estes comportamentos sustentáveis frequentemente associados a estados psicológicos positivos.

As pessoas que se dedicam a práticas pró-ecológicas relatam níveis mais elevados de bem-estar ou felicidade subjetiva (Tapia-Fonllem et al., 2017). De acordo com Venhoeven et al. (2017) vincular o comportamento pró-ambiental aos valores pessoais e aumentando estes comportamentos, pode aumentar o envolvimento inicial e o bem-estar derivado destes comportamentos específicos. Depois, ao sensibilizar as pessoas para os efeitos positivos do seu envolvimento com o ambiente, o significado pessoal que começam a associar a esse comportamento pode levar a um bem-estar mais duradouro (Venhoeven et al., 2017).

Vários estudos correlacionais demonstraram que as pessoas que se envolvem em comportamentos mais amigos do ambiente realmente experienciam mais bem-estar (Kasser & Sheldon, 2002; Brown & Kasser, 2005; Xiao & Li, 2010). Alguns estudos apoiam a premissa de que o envolvimento com desenvolvimento sustentável sustenta uma melhor qualidade de

vida a longo prazo e até mesmo sugerem que os comportamentos pró-ambiente podem levar a um aumento do bem-estar (Venhoeven et al., 2013). Igualmente, outras pesquisas revelam que, no geral, as pessoas associam comportamentos amigos do ambiente com emoções positivas e podem ter sentimentos positivos depois de agirem desta forma (Taufik et al. 2015; Venhoeven et al., 2017).

Neste seguimento, os dados empíricos vão contra a assunção de que viver de forma sustentável deve envolver sacrifícios que interferirão na qualidade de vida dos indivíduos e, em vez disso, sugerem que viver envolvendo-se no desenvolvimento sustentável pode promover o bem-estar pessoal e, conseqüentemente a qualidade de vida (Venhoeven et al., 2017).

Diferenças de Género e Idade

O género desempenha um papel importante nos comportamentos sustentáveis, pois não só existem diferenças de género na quantidade e tipo de comportamento sustentável, como os estereótipos e normas de género moldam a forma como as mulheres e os homens pensam sobre o tema, respondem à sua necessidade e optam por agir (Bloodhart & Swim, 2020).

A maioria das pesquisas indica que as mulheres envolvem-se em comportamentos mais sustentáveis do que os homens (Zelezny et al., 2000). No seu estudo Zelezny e colaboradores (2000), verificaram que as mulheres apresentavam uma maior preocupação ambiental, bem como atitudes e comportamentos pró-ambientais mais fortes do que os homens, além de níveis mais elevados de socialização e responsabilidade social.

Por sua vez, segundo a revisão de literatura de Félonneau e Causse (2017), os estudos demonstram que as mulheres adotam mais comportamentos concretos pró-ambientais do que

os homens, especialmente em relação às suas casas e à esfera privada e expressam maior preocupação ambiental.

As diferenças no comportamento sustentável feminino e masculino estão frequentemente ligadas a papéis de gênero e práticas associadas (Bloodhart & Swim, 2020). De acordo com os autores, os homens tendem a evitar consumir produtos sustentáveis e a envolver-se em comportamentos sustentáveis que estão mais fortemente associados às mulheres do que aos homens.

Sob outra perspectiva, num estudo sobre variações de gênero em comportamentos amigos do ambiente, Tindall et al. (2003) encontraram evidências de um maior compromisso com o ambientalismo entre as mulheres em relação aos homens.

Hunter e colaboradores (2004) verificaram que as mulheres tendem a praticar mais comportamentos ambientais do que os homens, particularmente na esfera privada. Além disso, os autores concluíram que tanto as mulheres como os homens tendem a envolver-se em comportamentos ambientais relativamente mais privados em oposição aos públicos.

A literatura existente identifica também a idade como uma característica sociodemográfica importante na compreensão de comportamentos e atitudes ambientais (Shen & Saijo, 2008; Casaló & Escario, 2016). De acordo com Félonneau e Causse (2017), indivíduos idosos podem ser mais envolvidos com a sustentabilidade e, portanto, mais propensos a adotar mais comportamentos pró-ambientais do que os jovens.

De acordo com a meta-análise realizada por Wiernik et al. (2013), maioritariamente a relação entre a idade e o envolvimento com o desenvolvimento sustentável era insignificante. Porém, algumas relações, mas generalizáveis, indicaram que os indivíduos mais velhos parecem ser mais propensos a envolver-se com a natureza, evitar danos ambientais e conservar matérias-primas e recursos naturais.

Casey e Scott (2006) verificaram no seu estudo que os mais velhos estavam associados a níveis mais elevados de preocupação com o ambiente e a reportar comportamentos mais ecológicos. Do mesmo modo, Pinto e colaboradores (2011) constataram que indivíduos mais velhos e com níveis de educação mais baixos demonstravam maior consciencialização ambiental e detinham mais hábitos pró-sustentáveis.

Sob outra perspetiva, no estudo realizado por Klineberg et al. (1998), os autores descrevem que os jovens estão mais preocupados com os resultados ambientais do que os idosos. É relevante compreender que muitos jovens ainda vivem com os pais e, por isso, provavelmente sentem-se menos "responsáveis" por estas tarefas diárias (Félonneau & Causse, 2017).

Questões de Investigação e Hipóteses

O principal objetivo do presente estudo, de acordo com a literatura revista é perceber a relação entre a qualidade de vida e o envolvimento com o desenvolvimento sustentável, para depreender de forma mais aprofundada se a qualidade de vida está relacionada com o envolvimento com o desenvolvimento sustentável. Assim, a presente investigação procura responder à seguinte questão de investigação: O envolvimento da população adulta com desenvolvimento sustentável está relacionado com a qualidade de vida percecionada?

Em linha com a revisão da literatura, o presente estudo tem também como objetivos perceber se existirão diferenças relativamente ao nível de envolvimento com o desenvolvimento sustentável quanto ao género e idade dos participantes, bem como quanto à qualidade de vida.

Posto isto, foram formuladas as seguintes hipóteses de investigação:

Hipótese 1 - Não existem diferenças entre géneros dos participantes em relação à qualidade de vida percecionada.

Hipótese 2 - Existem diferenças entre géneros dos participantes, nomeadamente as mulheres apresentam níveis mais elevados de envolvimento com o desenvolvimento sustentável.

Hipótese 3 - Existem diferenças relativamente à idade dos participantes, nomeadamente os indivíduos mais velhos irão percecionar níveis mais elevados de qualidade de vida e de envolvimento com o desenvolvimento sustentável.

Hipótese 4 - Existe correlação positiva entre o envolvimento com o desenvolvimento sustentável e a qualidade de vida percecionada.

Metodologia

Tipo de Estudo

De acordo com a tipologia de Montero e León (2007), o presente estudo caracteriza-se como um estudo empírico com metodologia quantitativa, mais concretamente, um estudo ex post facto. De acordo com outras classificações, como por exemplo a de Breakwell et al. (2006), o presente estudo poderá ser caracterizado como um estudo correlacional que é um tipo de investigação não-experimental em que o investigador mede duas variáveis e avalia a relação estatística, ou seja, a correlação entre elas. No decorrer da análise, considerar-se-á a qualidade de vida como a variável dependente e o envolvimento com o desenvolvimento sustentável como a variável independente.

Participantes

A amostra deste estudo é não probabilística por conveniência, uma vez que a seleção dos participantes é efetuada através de critérios subjetivos do investigador, procurando selecionar indivíduos convenientes da amostra (Marotti, 2008). Os critérios de inclusão do estudo foram: ser indivíduos com mais de 18 anos de idade e de nacionalidade portuguesa. O critério de exclusão foram: os sujeitos não cumprirem os critérios de inclusão.

Tal como é demonstrado na Tabela 1, participaram no estudo 336 indivíduos de nacionalidade portuguesa, com idades compreendidas entre os 18 e os 88 anos ($M=31.38$; $DP=15.37$), sendo 236 participantes do sexo feminino (70.2%) e 100 do sexo masculino (29.8%).

A amostra foi, maioritariamente, constituída por estudantes solteiros (60.7%), com idade igual ou inferior a 19 anos e com o Ensino Secundário concluído (61.1%). Estes participantes encontram-se num agregado familiar de Família Nuclear (74.4%), cujo rendimento mensal do agregado familiar, ronda maioritariamente os 1300€-2900€ (51.5%).

Tabela 1.*Caracterização da amostra em função das variáveis sociodemográficas*

Variáveis Sociodemográficas		N	%	M(DP)
Idade				31.38(15.37)
Grupo Etário	<= 19	124	36.9%	2.35(1.19)
	20-23	48	14.3%	
	24-44	87	25.9%	
	45+	77	22.9%	
Nacionalidade		336	100%	1.00(.00)
Sexo	Masculino	100	29.8%	.70(.45)
	Feminino	236	70.2%	
Escolaridade	Ensino Básico	63	18.9%	3.95(.96)
	Ensino Secundário	204	61.1%	
	Licenciatura	55	16.5%	
	Mestrado	9	2.7%	
	Doutoramento	3	.9%	
Situação profissional	Estudante	153	45.8%	1.83(1.05)
	Empregado	136	40.7%	
	Desempregado	11	3.3%	
	Reformado	18	5.4%	
	Trabalhador-estudante	16	4.8%	
Estado civil	Solteiro	202	60.7%	1.78(1.03)
	União de facto	19	5.7%	
	Casado	100	30%	

	Divorciado	8	2.4%	
	Viúvo	4	1.2%	
Agregado familiar	Família Nuclear	244	74.4%	
	Família Alargada	44	13.5%	
	Família Reconstruída	4	1.2%	3.86(1.27)
	Família Monoparental	27	8.2%	
	Família Unitária	9	2.7%	
Rendimento mensal líquido do agregado	<500€	4	1.3%	
	500-1200€	121	40%	
	1300-2900€	156	51.5%	3.86(1.27)
	3000-4900€	15	5%	
	>5000€	7	2.3%	

Instrumentos

Questionário Sociodemográfico

O questionário sociodemográfico foi administrado com o objetivo de recolher dados sociodemográficos acerca dos participantes, nomeadamente a idade e sexo dos mesmos e da sua nacionalidade. Foi também recolhida informação sobre a escolaridade, situação profissional, estado civil, composição do agregado familiar, assim como informação acerca do rendimento mensal líquido do agregado familiar.

Inventário de Envolvimento/Não Envolvimento no Desenvolvimento Sustentável (EDiSDI)

O envolvimento com o desenvolvimento sustentável foi avaliado com o Inventário de Envolvimento/Não Envolvimento no Desenvolvimento Sustentável (EDiSDI) (Moreira, Ramalho & Inman, 2020), um instrumento de autorrelato constituído por 27 itens que avaliam

6 dimensões: (i) o envolvimento cognitivo (3 itens) que se refere aos pensamentos positivos sobre a influência sumativa dos seres humanos no desenvolvimento sustentável “*Eu sei que sou apenas uma parte pequena do mundo, mas pequenas ações fazem a diferença.*”; (ii) envolvimento emocional (4 itens), que se refere às emoções positivas sobre o envolvimento de alguém no desenvolvimento sustentável, a reações afetivas adaptativas às questões de sustentabilidade e, uma sensação de conexão com o ambiente “*Eu estou interessado em proteger o planeta.*”; (iii) o envolvimento comportamental (5 itens), que diz respeito ao envolvimento ativo em comportamentos pró-sustentabilidade “*Eu estou a contribuir para fazer do planeta um lugar melhor.*”; (iv) o não-envolvimento cognitivo (8 itens), que refere-se a pensamentos negativos/pessimistas sobre a capacidade de influenciar o desenvolvimento sustentável ou sobre outros que estão envolvidos nestas questões “*Considero que as pessoas não têm, no seu dia-a-dia, o poder para proteger o planeta.*”; (v) o não-envolvimento emocional (3 itens) que corresponde às reações afetivas negativas a questões de sustentabilidade “*As questões de sustentabilidade global são irritantes.*” e, (vi) o não-envolvimento comportamental (4 itens), que diz respeito ao reconhecimento de que as nossas ações são, na sua maioria, sem consideração pelo desenvolvimento sustentável “*Não pretendo fazer nada para proteger o planeta.*”. De acordo com Moreira et al. (2020), cada item é avaliado, pelo sujeito, numa escala de Likert que pode variar de 1 (totalmente falso) a 5 (totalmente verdadeiro). De acordo com os autores, para o fator geral de envolvimento, o ω foi 0,98 e o ω_H foi 0,93. Para o fator geral de não-envolvimento, o ω foi 0,98 e ω_H foi 0,90. Esta combinação de coeficientes ômega indicaram que as escalas têm boa consistência interna (Moreira et al., 2020).

Tabela 2.*Descrição do instrumento EDiSDI*

Dimensões	Itens correspondentes	Alpha de Cronbach
Envolvimento emocional	21, 22, 23, 24	.78
Envolvimento comportamental	9, 10, 11, 12, 13	.89
Envolvimento cognitivo	18, 19, 20	.88
Não envolvimento cognitivo	1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8	.79
Não envolvimento comportamental	14, 15, 16, 17	.79
Não envolvimento emocional	25, 26, 27	.88

Instrumento de Avaliação da Qualidade de Vida da Organização Mundial de Saúde (WHOQOL-Bref)

Na avaliação da qualidade de vida foi utilizada a versão portuguesa (Vaz-Serra et al., 2006) do Instrumento de Avaliação da Qualidade de Vida da Organização Mundial de Saúde (WHOQOL-Bref) (The Whoqol Group, 1998). O WHOQOL-Bref é uma versão abreviada do WHOQOL-100 que, foi desenvolvido pelo Grupo de Qualidade de Vida da OMS em 15 países, simultaneamente, numa tentativa de desenvolver um instrumento que avaliasse a qualidade de vida e que fosse aplicável interculturalmente (WHOQOL Group, 1998).

O WHOQOL-Bref é constituído por 26 itens e está organizado em 4 domínios: ambiente “*Em que medida se sente em segurança no seu dia-a-dia?*”, físico “*Tem energia suficiente para a sua vida diária?*”, psicológico “*Até que ponto gosta da vida?*” e relações sociais “*Até que ponto está satisfeito(a) com a sua vida sexual?*” (Vaz-Serra et al., 2006). Enquanto no WHOQOL-100 cada uma das 24 facetas é avaliada a partir de 4 questões, no WHOQOL-bref cada faceta é avaliada por apenas uma questão (Fleck et al., 2000). (Canavarro et al., 2010). Em cada dimensão as questões são classificadas de 1 a 5 (Canavarro et al., 2006).

O WHOQOL-Bref apresenta bons valores de consistência interna, validade discriminante, validade de construto e estabilidade teste-reteste, tornando-o um bom instrumento para avaliar a qualidade de vida em Portugal (Vaz-Serra et al., 2006). De acordo com Vaz-Serra et al. (2006), o valor do α de Cronbach varia entre .64 para o Domínio 3 (Relações Sociais) e .87 para o Domínio 1 (Físico), bem como os coeficientes de correlação variam entre .65 e .85.

Tabela 3.

Descrição do instrumento WHOQOL-Bref

Dimensões	Itens correspondentes	Alpha de Cronbach
Geral	1, 2	.41
Físico	3, 4, 10, 15, 16, 17, 18	.31
Psicológico	5, 6, 7, 11, 19, 26	.37
Relações Sociais	20, 21, 22	.60
Ambiente	8, 9, 12, 13, 14, 23, 24, 25	.80

Procedimentos

Recolha de Dados

O presente estudo está integrado numa Linha de Investigação do Centro de Investigação em Psicologia para o Desenvolvimento Positivo para a qual já foram previamente recolhidos dados amostrais em dois momentos temporais.

Depois de obtida a autorização da Comissão de Ética das Universidades Lusíada Norte – Porto, para responder aos objetivos propostos para esta investigação, apenas foram utilizados os dados do segundo momento de recolha, que decorreu entre junho e julho de 2020.

Este segundo momento de recolha de dados decorreu após a autorização do Conselho de Administração das Universidades Lusíada, tendo sido contactados os regentes das

disciplinas onde seria possível encontrar os participantes do primeiro momento de recolha de dados (realizado entre novembro de 2018 e fevereiro de 2019). A recolha dos dados foi realizada via online. Os dados foram recolhidos inicialmente junto dos estudantes da Instituição de Ensino Superior, onde os docentes responsáveis pela aplicação do formulário *online* enviaram o *link* aos estudantes. Depois recorreu-se ao método bola de neve para que cada estudante recolhesse outros participantes recorrendo à sua própria rede de contactos.

Tal como no primeiro momento de recolha de dados, foi solicitado a todos os participantes o preenchimento de uma declaração de consentimento informado, no qual foram apresentados os riscos e benefícios da participação no estudo, bem como foi esclarecido que a participação é anónima, confidencial e voluntária, podendo o participante desistir a qualquer momento. Neste sentido, apenas os participantes com consentimento informado assinado participaram e preencheram os questionários.

Análise de Dados

Para a análise dos dados foi utilizado o software *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS) para o Windows, versão 23.0.

Primeiramente, para a caracterização da amostra recorreu-se a uma análise descritiva dos dados. Seguidamente, foi testada a normalidade da variância das dimensões da qualidade de vida e do envolvimento com o desenvolvimento sustentável através do teste Kolmogorov-Smirnov. Todas as dimensões das duas variáveis em estudo cumpriram com os requisitos de normalidade. Neste sentido, e uma vez que as variáveis cumpriram com os requisitos de normalidade, realizou-se a estatística paramétrica.

Com o intuito de verificar a existência de diferenças de médias estatisticamente significativas em função do género em relação às dimensões da qualidade de vida e do

envolvimento com o desenvolvimento sustentável foram conduzidos testes t para amostras independentes.

Por sua vez, para averiguar a existência de diferenças estatisticamente significativas em função da idade em relação às dimensões da qualidade de vida e do envolvimento com o desenvolvimento sustentável foi efetuada uma análise de variância *one-way* ANOVA. Como todas as dimensões das duas variáveis em estudo apresentaram diferenças estatisticamente significativas em termos da sua pontuação média, procedeu-se à condução do teste Post-hoc de Tukey para averiguar onde se encontravam as diferenças entre grupos etários.

Por fim, para verificar se as dimensões da qualidade de vida e do envolvimento com o desenvolvimento sustentável estariam associadas, recorreu-se ao coeficiente de correlação de Pearson.

Resultados

Diferenças no Género ao Nível da Qualidade de Vida e o Envolvimento com o Desenvolvimento Sustentável

A análise permitiu verificar que não existem diferenças estatisticamente significativas em função do género ao nível de duas dimensões da Qualidade de Vida: Relações Sociais e Ambiente.

As dimensões Físico, $t(334) = 2.376, p = .018$, e Psicológico, $t(334) = 2.835, p = .005$, diferem estatisticamente em função do género, sendo que o género masculino evidencia pontuações mais elevadas em relação ao género feminino (Tabela 4).

Duas das seis dimensões do Envolvimento com o Desenvolvimento Sustentável não evidenciaram diferenças estatisticamente significativas em função do género: Envolvimento Comportamental e Envolvimento Emocional.

Nas dimensões Não Envolvimento Cognitivo, $t(334) = 4.205, p = .000$, Não Envolvimento Comportamental, $t(334) = 2.563, p = .011$ e Não Envolvimento Emocional, $t(334) = 3.297, p = .001$ foram observadas diferenças estatisticamente significativas onde o género feminino apresenta pontuações mais baixas que o género masculino.

Por fim, em relação ao Envolvimento Cognitivo, $t(334) = -2.582, p = .010$, é o género feminino que pontua mais alto comparativamente ao género masculino (Tabela 4).

Tabela 4.*Diferenças de médias no género nas dimensões da QdV e EDS*

	Masculino (n=100)	Feminino (n=236)	<i>t</i>	gl	<i>p</i>
	Média (DP)	Média (DP)			
Físico	3.30 (.37)	3.19 (.38)	2.376	334	.018
Psicológico	3.79 (.41)	3.66 (.38)	2.835	334	.005
Relações Sociais	3.95 (.57)	3.93 (.60)	.304	334	.762
Ambiente	3.89 (.50)	3.83 (.51)	1.032	334	.303
Não Envolvimento Cognitivo	2.35 (.64)	2.03 (.63)	4.205	334	.000
Não Envolvimento Comportamental	2.27 (.76)	2.04 (.75)	2.563	334	.011
Não Envolvimento Emocional	2.04 (.88)	1.71 (.81)	3.297	334	.001
Envolvimento Cognitivo	4.22 (.62)	4.41 (.63)	-2.582	334	.010
Envolvimento Comportamental	3.93 (.54)	4.00 (.61)	-.959	334	.338
Envolvimento Emocional	4.09 (.58)	4.22 (.61)	-.714	334	.087

Diferenças entre os Grupos Etários ao Nível da Qualidade de Vida e o Envolvimento com o Desenvolvimento Sustentável

A análise permitiu verificar que existem diferenças estatisticamente significativas em função da faixa etária ao nível das quatro dimensões da Qualidade de Vida: Físico, $f(3.33) = 4.23$, $p = .00$, Psicológico, $f(3.33) = 3.77$, $p = .01$, Relações Sociais, $f(3.33) = 3.31$, $p = .02$, e Ambiente, $f(3.33) = 16.38$, $p = .00$.

Foram também identificadas diferenças estatisticamente significativas em função da faixa etária em duas das seis dimensões do Envolvimento com o Desenvolvimento Sustentável, designadamente ao nível do Não Envolvimento Comportamental, $f(3.33) = 2.62$, $p = .05$, e do Envolvimento Comportamental, $f(3.33) = 3.66$, $p = .01$.

As dimensões Não Envolvimento Cognitivo, $f(3.33) = 2.10$, $p = .10$, Não Envolvimento Emocional, $f(3.33) = 2.48$, $p = .06$, Envolvimento Cognitivo, $f(3.33) = 1.00$, p

= .39, e Envolvimento Emocional, $f(3,33) = 2.50$, $p = .10$, não diferem estatisticamente em função da faixa etária.

Tabela 5.

Diferenças de médias entre os grupos etários nas dimensões da QdV e EDS

	Grupo 1 (n=124)	Grupo 2 (n=48)	Grupo 3 (n=87)	Grupo 4 (n=77)
	Média (DP)	Média (DP)	Média (DP)	Média (DP)
Físico	3.14 (.39)*	3.27 (.37)	3.32 (.34)*	3.22 (.37)
Psicológico	3.62 (.42)*	3.70 (.40)	3.80 (.31)*	3.69 (.40)
Relações Sociais	3.90 (.60)	4.08 (.65)*	4.03 (.56)	3.80 (.53)*
Ambiente	4.01 (.48)*	4.02 (.50)*	3.76 (.43)*	3.57 (.50)*
NECog	2.04 (.69)	2.04 (.54)	2.22 (.59)	2.21 (.68)
NECom	1.97 (.74)	2.29 (.75)	2.20 (.72)	2.10 (.81)
NEE	1.67 (.86)	1.72 (.79)	1.94 (.77)	1.93 (.90)
ECog	4.40 (.64)	4.35 (.56)	4.26 (.67)	4.39 (.60)
Ecom	4.03 (.60)*	3.99 (.51)	3.80 (.65)*	4.08 (.55)*
EE	4.21 (.62)	4.09 (.59)	4.08 (.62)	4.29 (.54)

Nota. *A diferença média é significativa no nível 0.05

Grupo 1 = <= 19 anos, Grupo 2 = 20-23 anos, Grupo 3 = 24-44 anos, Grupo 4 = +45 anos;

NECog = Não Envolvimento Cognitivo, NECom = Não Envolvimento Comportamental, NEE = Não Envolvimento Emocional, ECog = Envolvimento Cognitivo, Ecom = Envolvimento Comportamental, EE = Envolvimento Emocional, dimensões do envolvimento com o desenvolvimento sustentável;

O Teste Post Hoc de Tukey revelou que no grupo 1 e no grupo 3 existem diferenças estatisticamente significativas. Ou seja, a faixa etária de <= 19 anos e a de 24-44 anos diferem significativamente em termos das suas pontuações nas dimensões Físico e Psicológico da Qualidade de Vida (Tabela 5).

O grupo 2 e o grupo 4 diferem estatisticamente um do outro. A faixa etária de 20-23 anos e a de 45 anos ou mais diferem significativamente em termos das suas pontuações na dimensão Relações Sociais da Qualidade de Vida.

Na dimensão Ambiente da Qualidade de Vida verificou-se diferenças estatisticamente significativas em todos os grupos etários.

No que concerne as dimensões do Envolvimento com o Desenvolvimento Sustentável, o Teste Post Hoc de Tukey revelou que o Grupo 1, o Grupo 3 e o Grupo 4 diferem estatisticamente um dos outros. A faixa etária de ≤ 19 anos, a de 24-44 anos e a de 45 anos ou mais diferem significativamente em termos das suas pontuações na dimensão Envolvimento Comportamental.

Nas restantes dimensões do Envolvimento não se verificaram diferenças estatisticamente significativas entre os grupos etários.

Relação entre Qualidade de Vida e o Envolvimento com o Desenvolvimento Sustentável

Na tabela 6 são apresentadas as correlações entre as dimensões da qualidade de vida e o envolvimento com o desenvolvimento sustentável.

Tabela 6.*Correlação entre as dimensões da QdV e EDS*

	F	P	RS	A	NECog	NECom	NEE	Ecog	Ecom	EE
F	1	.487**	.308**	.344**	.032	.052	.057	-.007	.016	-.029
P		1	.472**	.390**	-.069	-.075	-.056	.083	.084	.065
RS			1	.335**	-.068	-.073	-.087	.067	.051	.021
A				1	-.189*	-.131*	-.192**	.195**	.138*	.091
NECog					1	.611**	.633**	-.599**	-.336**	-.447**
NECom						1	.539**	-.582**	-.436**	-.546**
NEE							1	-.518**	-.328**	-.435**
Ecog								1	.570**	.779**
Ecom									1	.615**
EE										1

Nota. * p<0.05; ** p<0.01

F = Físico, P = Psicológico, RS = Relações Sociais, A = Ambiente, dimensões da qualidade de vida;

NECog = Não Envolvimento Cognitivo, NECom = Não Envolvimento Comportamental, NEE = Não Envolvimento Emocional, Ecog = Envolvimento Cognitivo, Ecom = Envolvimento Comportamental, EE = Envolvimento Emocional, dimensões do envolvimento com o desenvolvimento sustentável;

Da análise efetuada, é possível verificar que as dimensões do Envolvimento com o Desenvolvimento Sustentável não se correlacionam com a maioria das dimensões da Qualidade de Vida, designadamente a nível Físico, Psicológico, das Relações Sociais.

Apenas a dimensão relativa ao Ambiente da Qualidade de Vida se correlacionou negativamente – ainda que fraca – com as três dimensões do Não Envolvimento com o Desenvolvimento Sustentável: Cognitivo, $r = -.189$, $p = .000$, Comportamental, $r = -.131$, $p = .016$, e Emocional, $r = -.192$, $p = .000$. A mesma variável correlacionou-se ainda de forma positiva e igualmente fraca com o Envolvimento Cognitivo, $r = .195$, $p = .000$, e Comportamental $r = .138$, $p = .011$. A exceção foi o Envolvimento Emocional, que não se mostrou correlacionado com nenhuma das dimensões da QdV.

Discussão dos Resultados

O presente estudo teve como objetivo principal avaliar a relação entre a qualidade de vida e o envolvimento com o desenvolvimento sustentável na população adulta. De um modo geral, foram verificadas diferenças estatisticamente significativas entre gêneros, onde o gênero masculino obteve pontuações mais elevadas em relação do gênero feminino em duas dimensões da qualidade de vida (Físico e Psicológico) e nas três dimensões do Não-Envolvimento (Cognitivo, Comportamental e Emocional). Em relação às diferenças entre os grupos etários, constatou-se que os participantes com idades inferiores ou iguais a 19 anos (grupo 1) e entre 24 e 44 anos (grupo 3) obtiveram diferenças estatisticamente significativas em três dimensões da Qualidade de Vida (Físico, Psicológico e Ambiente) e na dimensão Envolvimento Comportamental. Verificou-se ainda a existência de correlações negativas entre a dimensão Ambiente da Qualidade de Vida com as três dimensões do Não Envolvimento e, correlações positivas entre a dimensão Ambiente com as dimensões do Envolvimento Cognitivo e Comportamental.

Muitos estudos têm sido realizados para avaliar as associações entre fatores sociodemográficos (sexo, idade, estado civil, educação e rendimento) e qualidade de vida em adultos (Gobbens & Remmen, 2019). Kaplan e colaboradores (1991) afirmaram que o sexo feminino tem uma melhor percepção de qualidade de vida do que o sexo masculino. Já os estudos de Mercier et al. (1998) e Baby e colaboradores (2015) revelaram que as mulheres pontuavam mais alto em alguns domínios da qualidade de vida em detrimento de outros. Os resultados do presente estudo não corroboramos estudos mencionados anteriormente. Embora as diferenças entre gênero na qualidade de vida não fossem muito dispare, os resultados demonstraram que os homens têm valores ligeiramente mais elevados em relação às mulheres.

Embora não se tenham encontrado resultados adicionais poderá pensar-se que mesmo que as mulheres tenham uma maior tendência a expressar preocupações, desejo de mudança, relatar eventos e a ter uma melhor visão sobre a vida, não significa necessariamente que haja uma melhor qualidade de vida (Kaplan et al., 1991; Mercier et al., 1998). O mesmo acontece com os resultados do estudo de Dasgupta e Majumdar (2000), que concluíram que não foi encontrada qualquer diferença estatisticamente significativa quanto ao género. No estudo realizado por Gobbens e Remmen (2019), os resultados demonstraram que ser mulher está negativamente associado a dois domínios de qualidade de vida, nomeadamente no domínio Relações Sociais e Ambiente. Uma vez mais os resultados não vão ao encontro destes estudos, o que poderá sugerir que a diferença de género não tem um papel significativo na cristalização da magnitude e da direção da qualidade de vida percebida pelos indivíduos (Dasgupta & Majumdar, 2000).

Relativamente ao envolvimento com o desenvolvimento sustentável, os resultados corroboram o estudo de Zelezny et al. (2000), que concluíram que as mulheres demonstram atitudes e comportamentos pró-ambientais mais fortes do que os homens. O mesmo acontece nos estudos de Tindall et al. (2003), Hunter et al. (2004), Félonneau e Causse (2017), e Bloodhart e Swim (2020), cujos resultados evidenciam que as mulheres envolvem-se mais em comportamentos mais sustentáveis do que os homens tal como foi possível de verificar no presente estudo.

No presente estudo foi possível verificar que, nas dimensões da qualidade de vida, todos os grupos etários diferem significativamente em função da idade. Estes resultados não vão ao encontro dos estudos de Netuveli et al. (2005) e Samak (2017) que, verificaram que a qualidade de vida pode aumentar durante a velhice. Não obstante, o presente estudo corrobora o estudo desenvolvido por Dasgupta e Majumdar (2000) que, concluíram que as pessoas jovens e as faixas etárias mais velhas foram consideradas mais satisfeitas com a vida.

Apesar do envelhecimento ser percebido como um fator que diminui a qualidade de vida (Netuveli et al., 2005), o presente estudo não vai ao encontro desta assunção. Pelo contrário, este estudo fornece dados pertinentes que poderão indicar que, apesar do processo de envelhecimento colocar barreiras na satisfação de necessidades, os indivíduos mais velhos apresentam a capacidade de resistir relativamente bem às ameaças e perdas provocadas pelo envelhecimento (Coleman, 2000).

De acordo com a análise realizada verificou-se que as diferenças no envolvimento com o desenvolvimento sustentável quanto à idade não são significativas. Estes resultados vão ao encontro dos resultados da meta-análise realizada por Wiernik et al. (2013), onde se concluiu que maioritariamente a relação entre a idade e o envolvimento com o desenvolvimento sustentável era reduzida. De acordo com Lorenzoni e colaboradores (2007), o grau com que um indivíduo se envolve em comportamentos sustentáveis está intimamente relacionado com as suas crenças pessoais, valores, conhecimentos, estilo de vida, entre outros. Assim, a insuficiência de dados robustos pode advir do impacto destes aspetos na forma como os participantes percebem os comportamentos sustentáveis e as barreiras que desenvolvem em torno do envolvimento, uma vez que são limitadores dos aspetos cognitivos, comportamentais e emocionais do envolvimento (Lorenzoni et al., 2007).

Relativamente às correlações entre qualidade de vida e envolvimento com o desenvolvimento sustentável, apesar desta associação ter sido pouco estudada, existem inúmeros estudos que se debruçam sobre as associações entre bem-estar e envolvimento com o desenvolvimento sustentável.

No presente estudo, foram verificadas correlações positivas entre a qualidade de vida e o envolvimento com o desenvolvimento sustentável apenas na dimensão Ambiente da Qualidade de Vida com as dimensões Envolvimento Cognitivo e Comportamental. Isto

significa que quanto maior for a Qualidade de Vida Ambiente maior será o seu envolvimento a nível cognitivo, bem como comportamental, confirmando assim a última hipótese de estudo. Este resultado reforça a ideia de Hartig et al. (2001), Kasser e Sheldon (2002), Brown e Kasser (2005), Venhoeven et al. (2013), Tapia-Fonllem et al. (2017) e Venhoeven et al., 2017, que sugerem que o envolvimento comportamental com a sustentabilidade pode promover o bem-estar pessoal e, conseqüentemente a qualidade de vida.

Finalmente, ainda na dimensão Ambiente, verificou-se que esta se correlaciona negativamente com as dimensões Não Envolvimento Cognitivo, Comportamental e Emocional. Isto é, à medida que o individuo apresenta uma maior Qualidade de Vida Ambiente menor será o seu Não Envolvimento. Isto poderá sugerir que os indivíduos ao pontuarem maiores níveis de Ambiente, poderão apresentar pensamentos menos pessimistas sobre a capacidade de influenciar o desenvolvimento sustentável; considerar que as suas ações, na maioria, são executadas tendo em consideração o desenvolvimento sustentável; bem como, apresentar reações afetivas menos negativas às questões da sustentabilidade (Moreira et al., 2020).

Conclusão

A revisão da literatura efetuada revelou que o desenvolvimento sustentável deve ser avaliado tendo em consideração o seu impacto no bem-estar humano e na qualidade de vida. Isto porque uma melhor qualidade de vida pode ser alcançada em sociedades que desfrutem de uma relação pró-sustentável com o meio ambiente socio-físico que, por sua vez, resultará na satisfação das necessidades humanas e na conservação desse meio ambiente (Moser, 2009; Tapia-Fonllem et al., 2017). Através dos resultados obtidos, o presente estudo aponta para a existência de correlação entre qualidade de vida e envolvimento com o desenvolvimento sustentável. Igualmente, foram encontradas diferenças estatisticamente significativas quanto ao género e à idade na qualidade de vida, porém quanto ao envolvimento com o desenvolvimento sustentável apenas foram encontradas diferenças estatisticamente significativas no género. Estes resultados contribuíram para o desenvolvimento do conhecimento sobre o construto qualidade de vida e envolvimento com o desenvolvimento sustentável, bem como da sua relação o que, pode trazer relevantes contribuições para a investigação científica e a atuação eficaz nesta matéria.

Os resultados encontrados neste estudo permitem algumas apreciações pertinentes do ponto de vista da investigação e das suas possíveis limitações. Neste sentido, a primeira limitação identificada encontra-se no facto de ter sido utilizado um método não-probabilístico para recrutar os participantes. No presente estudo, uma grande parte da amostra era composta por estudantes universitários do género feminino. Consequentemente, este procedimento implica um viés que torna a generalização dos resultados difícil (Moreira et al., 2020).

Outra limitação prende-se no facto de o presente estudo ter sido projetado para incluir quatro grupos etários: jovens (18–24 anos), adultos jovens (25–44 anos), adultos de meia-idade (45–64 anos) e adultos mais velhos (65 anos ou mais). No entanto, o tamanho da amostra não permitiu fazer uma distinção precisa em termos de grupos etários para averiguar

as diferenças. Idealmente, deveria haver uma amostra representativa da população adulta, permitindo a generalização dos dados para a comunidade. Deste modo, será pertinente que futuras investigações tenham em consideração a necessidade de discriminar mais detalhadamente as faixa etárias.

Existe ainda uma lacuna na literatura em que seja tido em conta as características sociodemográficas (idade e género) da população portuguesa na investigação da relação entre o construto qualidade de vida e o envolvimento com o desenvolvimento sustentável que, conseqüentemente poderá configurar-se como uma limitação uma vez que são utilizados neste estudo dados de investigações internacionais. Uma outra limitação a referir é que no momento da recolha de dados e em contexto pandémico, os mesmos foram obtidos via online, o que pode ter comprometido a subjetividade das respostas dos participantes, uma vez que estes instrumentos são de autorrelato.

Em linha com a revisão da literatura efetuada bem como através dos resultados obtidos no presente estudo, foi possível verificar que a prática de comportamentos sustentáveis estará relacionada a diversas formas de qualidade de vida. Neste sentido, será importante promover estes comportamentos através de programas educacionais, políticas públicas e sociais. Do mesmo modo, deverá ser explorado o estudo do comportamento sustentável e o seu impacto nas práticas sociais positivas para perceber de que forma estes comportamentos poderão conduzir os indivíduos a uma vida melhor. Ademais, tal estudo deverá ser complementado por contribuições teóricas oferecidas por diversas ciências sociais, nomeadamente a Psicologia e outras áreas de investigação científica.

Referências Bibliográficas

- Adams, W. M. (2009). *Green Development: Environment and Sustainability in a Developing World*. Abingdon: Routledge.
- Assembleia Geral Nações Unidas. (2012). *The future we want* (resolução aprovada pela Assembleia Geral em 27 de julho de 2012). Nova Iorque: Nações Unidas.
- Baby, S., Khan, M. I., & Kawa, M. H. (2015). Sociodemographic Correlates of Quality of Life. *Internacional Journal of Current Research*, 7(6), 17012-17016.
- Berlim, M. T., & Fleck, M. P. (2003) “Quality of Life”: A Brand New Concept for Research and Practice in Psychiatry. *The Revista Brasileira de Psiquiatria*, 25, 249-252.
<https://doi.org/10.1590/S1516-44462003000400013>
- Bloodhart, B., & Swim, J. K. (2020). Sustainability and Consumption: What’s Gender Got to Do with It?. *Journal of Social Issues*, 76(1), 1-13. <https://doi.org/10.1111/josi.12370>
- Boardman, B., & Darby, A. (2000). *Effective Advice: energy efficiency and the disadvantaged*. Environmental Change Institute Research Report 24, University of Oxford, Oxford.
- Bowling, A. (2005). *Measuring Health: A Review of Quality of Life Measurement Scales (Third Edition)*. Open University Press.
- Breakwell, G. M., Hammond, S., Fife-Schaw, C., & Smith, J. A. (2006). *Research methods in psychology (3rd ed.)*. Sage Publications, Inc.
- Brown, K. W., & Kasser, T. (2005). Are psychological and ecological well-being compatible? The role of values, mindfulness, and lifestyle. *Social indicators research*, 74(2), 349-368.. <https://doi.org/10.1007/s11205-004-8207-8>
- Brundtland Commission. (1987). *Our Common Future*: Oxford University Press.

- Canavarro, M. C., Pereira, M., Moreira, H., & Paredes, T. (2010). Qualidade de vida e saúde: aplicações do WHOQOL. *Alicerces*, 243-268.
- Canavarro, M. C., Vaz Serra, A., Pereira, M., Simões, M. R., Quintais, L., Quartilho, M. J., & Paredes, T. (2006). Desenvolvimento do instrumento de avaliação da qualidade de vida da Organização Mundial de Saúde (WHOQOL-100) para Português de Portugal. *Psiquiatria Clínica*, 27(1), 15-23.
- Casalo, L.V., & Escario, J. J. (2016). Intergenerational association of environmental concern: Evidence of parents' and children's concern. *Journal of Environmental Psychology*, 48, 65-74. <https://doi.org/10.1016/j.jenvp.2016.09.001>
- Casey, P., & Scott, K. (2006). Environmental concern and behaviour in an Australian sample within an ecocentric-anthropocentric framework. *Australian Journal of Psychology*, 58, 56–67. <https://doi.org/10.1080/00049530600730419>
- Coleman, P. G. (2000). Aging and the Satisfaction of Psychological Needs. *Psychological Inquiry*, 11(4), 291–293. <http://www.jstor.org/stable/1449623>
- Corral-Verdugo, V., Tapia, C., García, F., Varela, C., Cuen, A., & Barrón, M. (2012). Validation of a scale assessing psychological restoration associated with sustainable behaviours. *PsyEcology*, 3(1), 87-100. <https://doi.org/10.1174/217119712799240242>
- Corral-Verdugo, V., Varela-Romero, C., & González-Lomeli, D. (2004). O papel da psicologia ambiental na promoção de competência pró-ambiental. *Psicologia e ambiente*, 41-57.
- Dasgupta, S. K., & Majumdar, S. (2000). Sense of well-being and perceived quality of life in Calcutta. In *Advances in quality of life theory and research* (pp. 65-79). Springer, Dordrecht.

- Di Fabio, A. (2017). The psychology of sustainability and sustainable development for well-being in organizations. *Frontiers in psychology*, 8, 1534.
<https://doi.org/10.3389/FPSYG.2017.01534>
- Diener, E., Suh, E. M., Lucas, R. E., & Smith, H. L. (1999). Subjective well-being: Three decades of progress. *Psychological bulletin*, 125(2), 276–302.
<https://doi.org/10.1037/0033-2909.125.2.276>
- Edlund, M., & Tancredi, L. R. (1985). Quality of life: an ideological critique. *Perspectives in biology and medicine*, 28(4), 591–607. <https://doi.org/10.1353/pbm.1985.0034>
- Felce, D., & Perry, J. (1995). Quality of life: Its definition and measurement. *Research in Developmental Disabilities*, 16(1), 51–74. [https://doi.org/10.1016/0891-4222\(94\)00028-8](https://doi.org/10.1016/0891-4222(94)00028-8)
- Félonneau, M. L., & Causse, E. (2017). Pro-environmentalism, identity dynamics and environmental quality of life. In *Handbook of environmental psychology and quality of life research* (pp. 211-228). Springer, Cham. https://doi.org/10.1007/978-3-319-31416-7_12
- Fergus, A. H. T., & Roney, J. I. A. (2005). Sustainable Development: Lost Meaning and Opportunity?. *Journal of Business Ethics*, 60, 17–27. <https://doi.org/10.1007/s10551-005-2927-9>
- Flanagan, J. C. (1978). A research approach to improving our quality of life. *American Psychologist*, 33(2), 138–147. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.33.2.138>
- Fleck, M., Louzada, S., Xavier, M., Chachamovich, E., Vieira, G., Santos, L., & Pinzon, V. (2000). Aplicação da versão em português do instrumento abreviado de avaliação da qualidade de vida " WHOQOL-bref". *Revista de saúde pública*, 34, 178-183.

- Gazzola, P., & Querci, E. (2017). The connection between the quality of life and sustainable ecological development. *European Scientific Journal*, *13*(12), 361-375.
<https://doi.org/10.19044/esj.2017.v13n12p%p>
- Gobbens, R. J., & Remmen, R. (2019). The effects of sociodemographic factors on quality of life among people aged 50 years or older are not unequivocal: comparing SF-12, WHOQOL-BREF, and WHOQOL-OLD. *Clinical interventions in aging*, *14*, 231–239.
<https://doi.org/10.2147/CIA.S189560>
- Hartig, T., Kaiser, F. G., & Bowler, P. A. (2001). Psychological Restoration in Nature as a Positive Motivation for Ecological Behavior. *Environment and Behavior*, *33*(4), 590–607. <https://doi.org/10.1177/00139160121973142>
- Haydu, V. B., & Camargo, J. C. (2013). *Práticas sociais sustentáveis: Psicologia, Educação e Saúde*. Departamento de Psicologia Geral e Análise do Comportamento, Universidade Estadual de Londrina. <http://www.uel.br/pessoal/haydu/textos/praticas-sociais-sustentaveis-psicologia-educacao-e-saude.pdf>
- Hunter, L. M., Hatch, A., & Johnson, A. (2004). Cross-National Gender Variation in Environmental Behaviors. *Social Science Quarterly*, *85*(3), 677-694.
<https://doi.org/10.1111/j.0038-4941.2004.00239.x>
- Kaplan, R. M., Anderson, J. P., & Wingard, D. L. (1991). Gender Differences in Health-Related Quality of Life. *Health Psychology*, *10*(2), 86-93.
- Kasser, T., & Sheldon, K. M. (2002). What Makes for a Merry Christmas? *Journal of Happiness Studies*, *3*, 313–329. <https://doi.org/10.1023/A:1021516410457>
- Kasser, T. (2009). Psychological need satisfaction, personal well-being, and ecological sustainability. *Ecopsychology*, *1*(4), 175–180. <https://doi.org/10.1089/eco.2009.0025>

- Keiner, M. (2005). Re-emphasizing sustainable development — The concept of 'Evolutionability'. *Environment, Development and Sustainability*, 6(4), 379–392. <https://doi.org/10.1007/s10668-005-5737-4>
- Klineberg, S., McKeever, M., & Rothenbach, B. (1998). Demographic Predictors of Environmental Concern: It Does Make a Difference How It's Measured. *Social Science Quarterly*, 79(4), 734-753. <http://www.jstor.org/stable/42863844>
- Kollmuss, A., & Agyeman, J. (2002). Mind the gap: Why people act environmentally and what are the barriers to pro-environmental behavior? *Environmental Education Research*, 8(3), 239-260. <http://doi.org/10.1080/13504620220145401>
- Lawton, M. P. (1991). A multidimensional view of quality of life in frail elders. In *The concept and measurement of quality of life in the frail elderly* (pp. 3-27). Academic Press.
- Lorenzoni, I., Nicholson-Cole, S., & Whitmarsh, L. (2007). Barriers perceived to engaging with climate change among the UK public and their policy implications. *Global environmental change*, 17(3-4), 445-459. <https://doi.org/10.1016/j.gloenvcha.2007.01.004>
- Lotfi, S., Faraji, A., Hataminejad, H. & Pourahmad, A. (2011). A Study of Urban Quality of Life in a Developing Country. *Journal of Social Sciences*, 7(2), 232-240. <https://doi.org/10.3844/jssp.2011.232.240>
- Marotti, J., Galhardo, A. P. M., Furuyama, R. J., Pigozzo, M. N., Campos, T. N., & Laganá, D. C. (2008). Amostragem em Pesquisa Clínica: tamanho da amostra. *Revista de Odontologia da Universidade Cidade de São Paulo*, 20(2), 186-194.

- Matos Pedro, E. M. G. (2018). *Ensaios sobre Capital Intelectual das Instituições de Ensino Superior: Taxonomia, Mensuração e Impactos*. Universidade da Beira Interior.
- Mercier, C., Péladeau, N., & Tempier, R. (1998). Age, Gender and Quality of Life. *Community Mental Health Journal*, 34(5), 487-500.
- Montero, I., & León, O. G. (2007). A guide for naming research studies in Psychology. *International Journal of Clinical and Health Psychology*, 7(3), 847-862.
- Moreira, P. A., Ramalho, S., & Inman, R. A. (2020). The Engagement/Disengagement in Sustainable Development Inventory (EDiSDI): Psychometric properties and validity-based studies. *European Journal of Psychological Assessment*.
<https://doi.org/10.1027/1015-5759/a000619>
- Morgado, M., Araújo, A. F., & Marques, L. (2014). O envolvimento sustentável como contributo para a inclusão social no mundo contemporâneo. *Lantuna: Revista Cabo-verdiana de Educação, Filosofia e Letras*, 1(1), 153-180.
<https://lantuna.files.wordpress.com/2013/01/o-envolvimento-sustentc3a1vel-como-contributo-153-180.pdf>
- Moser, G. (2009). Quality of life and sustainability: Toward person–environment congruity. *Journal of Environmental Psychology* 29(3), 351-357.
<https://doi.org/10.1016/j.jenvp.2009.02.002>
- Navarro, O. (2017). Social inequality and environmental risk perception. In *Handbook of environmental psychology and quality of life research* (pp. 503-518). Springer, Cham.
https://doi.org/10.1007/978-3-319-31416-7_27
- Netuveli, G., Wiggins, R. D., Hildon, Z., Montgomery, S. M., & Blane, D. (2006). Quality of life at older ages: evidence from the English longitudinal study of aging (wave 1).

Journal of epidemiology and community health, 60(4), 357–363.

<https://doi.org/10.1136/jech.2005.040071>

Noll, H. H. (2004). Social indicators and quality of life research: Background, achievements and current trends. In *Advances in sociological knowledge* (pp. 151-181). VS Verlag für Sozialwissenschaften, Wiesbaden. https://doi.org/10.1007/978-3-663-09215-5_7

Orley, J. & Kuyken, W. (1994). *Quality of Life Assessment: International Perspectives (First Edition)*. Springer-Verlag Berlin Heidelberg.

Pinto, D. C., Nique, W. M., Añaña, E. D. S., & Herter, M. M. (2011). Green consumer values: How do personal values influence environmentally responsible water consumption?. *International Journal of Consumer Studies*, 35(2), 122–131.

<https://doi.org/10.1111/j.1470-6431.2010.00962.x>

Samak, Y. A. A. (2017). Quality of Life for Youth to Elderly: How Value and Happiness Are Perceived in a Case Study of Egypt-Based GIS. *Papers in Applied Geography*, 3(2), 129-142. <https://doi.org/10.1080/23754931.2016.1268971>

Saphores, J. D. M., Nixon, H., Ogunseitan, O. A., & Shapiro, A. A. (2006). Household Willingness to Recycle Electronic Waste: An Application to California. *Environment and Behavior*, 38(2), 183–208. <https://doi.org/10.1177/0013916505279045>

Schmuck, P., & Schultz, P. W. (2002). Sustainable development as a challenge for psychology. In *Psychology of sustainable development* (pp. 3-17). Springer, Boston, MA. https://doi.org/10.1007/978-1-4615-0995-0_1

Seidl, E. M. F., & Zannon, C. M. L. C. (2004). Qualidade de vida e saúde: aspectos conceituais e metodológicos. *Cadernos de Saúde Pública*, 20(2), 580-588.

- Shen, J., & Saijo, T., (2008). Reexamining the relations between socio-demographic characteristics and individual environmental concern: Evidence from Shanghai data. *Journal of Environmental Psychology*, 28(1), 42-50.
<https://doi.org/10.1016/j.jenvp.2007.10.003>
- Shookner, M. (1997). *The quality of life in Ontario*. Canada: Ontario Social Development Council & Social Planning Network of Ontario.
<http://cdcquinte.com/Resources/Quality%20of%20Life-1997.pdf>.
- Simões, A., Ferreira, J. A. G. A., Lima, M., Pinheiro, M. R. M. M., Vieira, C., Matos, A., & Oliveira, A. (2000). O bem-estar subjectivo: Estado actual dos conhecimentos. *Psicologia, Educação e Cultura*, 4(2), 243-279.
- Siqueira, M. M. M., & Padovam, V. A. R. (2008). Bases teóricas de bem-estar subjectivo, bem-estar psicológico e bem-estar no trabalho. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 24(2), 201-209. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722008000200010>
- Stanley, M. G. (1973). The quality of life concept: A potential new tool for decisionmakers. *Research and Monitoring, Environmental Studies Division, The Environmental Protection Agency, United States*.
- Stern, P.C. (2000). Toward a coherent theory of environmentally significant behavior. *Journal of Social Issues*, 56(3), 407-427. <https://doi.org/10.1111/0022-4537.00175>
- Tapia-Fonllem, C., Corral-Verdugo, V., & Fraijo-Sing, B. (2017). Sustainable behavior and quality of life. In *Handbook of environmental psychology and quality of life research* (pp. 173-184). Springer, Cham. https://doi.org/10.1007/978-3-319-31416-7_9

- Taufik, D., Bolderdijk, J. & Steg, L. (2015). Acting green elicits a literal warm glow. *Nature Clim Change*, 5, 37–40. <https://doi.org/10.1038/nclimate2449>
- The WHOQOL Group (1995). The World Health Organization quality of life assessment (WHOQOL): position paper from the World Health Organization. *Social Science and Medicine*, 40, 1403-1409.
- The WHOQOL Group. (1998). Development of the World Health Organization WHOQOL-BREF quality of life assessment. *Psychological medicine*, 28(3), 551–558. <https://doi.org/10.1017/s0033291798006667>
- Tindall, D. B., Davies, S. & Mauboulès, C. (2003). Activism and Conservation Behavior in an Environmental Movement: The Contradictory Effects of Gender. *Society & Natural Resources*, 16(10), 909-932. <https://doi.org/10.1080/716100620>
- Turkoglu, H. (2015). Sustainable Development and Quality of Urban Life. *Procedia – Social and Behavioral Sciences*, 202, 10–14. <https://doi.org/10.1016/j.sbspro.2015.08.203>
- Vaz Serra, A., Canavarro, M. C., Simões, M., Pereira, M., Gameiro, S., Quartilho, M. J., ... & Paredes, T. (2006). Estudos psicométricos do instrumento de avaliação da qualidade de vida da Organização Mundial de Saúde (WHOQOL-Bref) para Português de Portugal. *Psiquiatria clínica*, 27(1), 41-49.
- Venhoeven, L., Steg, L., & Bolderdijk, J. W. (2017). Can engagement in environmentally-friendly behavior increase well-being?. In *Handbook of environmental psychology and quality of life research* (pp. 229-237). Springer, Cham. https://doi.org/10.1007/978-3-319-31416-7_13

- Venhoeven, L., Bolderdijk, J., & Steg, L. (2013). Explaining the Paradox: How Pro-Environmental Behaviour can both Thwart and Foster Well-Being. *Sustainability*, 5(4), 1372–1386. <https://doi.org/10.3390/su5041372>
- Vicente-Molina, M. A., Fernández-Sainz, A., & Izagirre-Olaizola, J. (2018). Does gender make a difference in pro-environmental behavior? The case of the Basque Country University students. *Journal of Cleaner Production*, 176, 89-98. <https://doi.org/10.1016/j.jclepro.2017.12.079>
- Villas-Boas, S., Oliveira, A. L., Ramos, N., & Montero, I. (2019). Predictors of Quality of Life in Different Age Groups Across Adulthood. *Journal of Intergenerational Relationships*, 17(1), 42-57. <https://doi.org/10.1080/15350770.2018.1500330>
- Webb, T. L., & Sheeran, P. (2006). Does changing behavioral intentions engender behavior change? A meta-analysis of the experimental evidence. *Psychological Bulletin*, 132(2), 249–268. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.132.2.249>
- WHOQOL Group. (1998). Development of the World Health Organization WHOQOL-BREF quality of life assessment. *Psychological medicine*, 28(3), 551–558. <https://doi.org/10.1017/s0033291798006667>
- Wiernik, B. M., Ones, D. S., & Dilchert, S. (2013). Age and environmental sustainability: a meta-analysis. *Journal of Managerial Psychology*, 28(7-8), 826-856. <https://doi.org/10.1108/JMP-07-2013-0221>
- World Health Organization. (1997). Country protocol for developing the WHO quality of life (WHOQOL): HIV/aids module. *Genebra: WHO*.
- Xiao, J. J., & Li, H. (2011). Sustainable consumption and life satisfaction. *Social indicators research*, 104(2), 323-329. <https://doi.org/10.1007/s11205-010-9746-9>

Zelezny, L. C., Chua, P. P., & Aldrich, C. (2000). New ways of thinking about environmentalism: Elaborating on gender differences in environmentalism. *Journal of Social Issues*, 56(3), 443–457. <https://doi.org/10.1111/0022-4537.00177>